

GRAND PRIX

Cinéma du Réel 2010

**OPUS BONUM
AWARD**

Jihlava IDFF 2010

**FIPRESCI
AWARD**

Dok Leipzig 2010

**PRÉMIO
D. QUIJOTE**

Caminhos do Cinema
Português 2010

**MENÇÃO
ESPECIAL JÚRI**

Festival Punto
de Vista 2010

**GRANDE PRÉMIO
CIDADE DE COIMBRA**

Caminhos do cinema
Português 2010

Um filme de
Susana de Sousa Dias

**SELECÇÃO
OFICIAL**

Festival Punto
de Vista 2011

**SELECÇÃO
OFICIAL**

DocLisboa 2009

**SELECÇÃO
OFICIAL**

It's All True 2010

**SELECÇÃO
OFICIAL**

Istanbul 2010

**SELECÇÃO
OFICIAL**

Turin IFF 2010

**SELECÇÃO
OFICIAL**

Viennale 2010

Sinopse

O que pode uma fotografia de um rosto revelar sobre um sistema político?

O que pode uma imagem tirada há mais de 35 anos dizer sobre a nossa actualidade?

Partindo de um núcleo de fotografias de cadastro de prisioneiros políticos da ditadura portuguesa (1926-1974), 48 procura mostrar os mecanismos através dos quais um sistema autoritário se tentou auto-perpetuar durante 48 anos.

Depois de *Natureza Morta - Visages d'une Dictature* (filme galardoado a nível internacional e exibido em festivais e mostras em cinco continentes), Susana de Sousa Dias volta a centrar-se na época do Estado Novo, utilizando um dispositivo cinematográfico inovador.

Numa altura em que a temática da tortura atinge uma nova actualidade a nível mundial, 48 leva-nos a reflectir sobre o legado português nesta matéria e sobre as suas consequências nos dias de hoje.



“3 dias e 3 noites. De estátua. De pé, que custa tanto. Os braços, abertos. Todos inchados. Eles caíam para baixo. Uma PIDE de cada lado! Batiam-me nos braços para cima...”

Nota da Realizadora

Quando, há alguns anos atrás, em resposta a um pedido meu, a direcção do Arquivo da PIDE / DGS recusou a autorização para filmar as fotografias dos presos políticos, eu estava longe de saber que um novo filme iria começar a desenvolver-se. Estávamos em 2003 e eu encontrava-me em plena realização de *Natureza Morta*. O filme dependia dessas imagens, algumas das quais eu própria já tinha filmado em 2000. Nessa época, registar essas fotografias não requeria qualquer tipo de autorização especial, a não ser a que era dada pelo próprio arquivo. Mas a direcção do arquivo entretanto mudara e com ela a interpretação da lei.

Após insistência, a direcção justificou o motivo da recusa invocando o “direito à imagem”: para filmar as fotografias, eu teria de obter o acordo dos presos políticos. No caso de estes terem entretanto falecido, teria então de obter não só a autorização dos herdeiros, como também de apresentar uma cópia da certidão de óbito. Não vou referir aqui os pormenores do complexo processo que me levou, ao fim de alguns meses, a obter as devidas autorizações. Nem me vou deter nos efeitos perversos que pode provocar a aplicação do “direito à imagem” às fotografias impositivamente captadas pela polícia política de um regime ditatorial que durou 48 anos. Refiro apenas que, em todo este processo, falei com dezenas de antigos presos políticos. Inevitavelmente, comecei a ouvir as suas histórias, algumas acompanhadas por comentários às próprias imagens de cadastro: “Está a ver a camisola que eu tenho vestida?”; “Sabe por que eu estou com este sorriso?”; “Já reparou no meu cabelo?”.

48 partiu de uma certeza: a de que é possível contar uma história do regime ditatorial português (1926-1974) apenas através destas imagens. Mas partiu também de muitas interrogações. Os rostos fotografados pela PIDE fitam-nos, interpelam-nos, perturbam-nos. Como filmá-los, mantendo a integridade desta interpelação? Que duração atribuir a cada plano para que o espaço de ecos e ressonâncias que cada rosto comporta, possa ter existência? Como se transfigura uma imagem através da duração que lhe é imposta? Quanto tempo aguenta um grande plano em “grande plano”? Qual o equilíbrio entre as palavras e os silêncios para que a imagem não fique inteiramente possuída pelo texto? E como construir um espaço que mais do que físico é conceptual?

48 procura operar na zona entre o que a fotografia mostra e o que ela não revela; mas também entre a analogia e a estranheza, o enunciado e o vivido, a imagem e a memória. Pois estas fotografias também são tempo: o tempo contido dentro da fracção de segundo em que o preso enfrenta o opositor; o tempo que nos permite entrar dentro do universo enclausurante das prisões políticas e estar dentro do instante onde se cruza o outrora com o agora; um templo múltiplo que extravasa as noções de passado, presente e futuro.

Através de uma linha narrativa que toma como base as acções da polícia política sobre o corpo e a mente dos prisioneiros e de um dispositivo que procura evidenciar a pregnância temporal da imagem, o filme organiza-se através de um conjunto de sequências, cada uma delas comportando um silêncio específico. Estes silêncios não só criam o espaço cinematográfico do filme como nos dão a sentir a própria presença corporal de cada um dos ex-prisioneiros, hoje. Através das suas palavras, o filme procura desvelar as imagens cuja função original - captar os sinais distintivos da fisionomia e servir de instrumento de identificação (mas também de poder) - ainda hoje cria um véu que as impede de serem realmente vistas.

O que nos mostram e escondem estas imagens?



Susana de Sousa Dias

48 por Susana de Sousa Dias

A IDEIA

A ideia surgiu-me quando estava a realizar o meu filme anterior, *Natureza Morta* (2005), que se baseia em imagens de arquivo da ditadura portuguesa. O ponto de partida deste filme foi precisamente o conjunto de fotografias de cadastro dos prisioneiros políticos. Passei anos a pensar nestas fotografias, tive longas conversas com várias dezenas de ex-prisioneiros; portanto, não só a ideia para o 48 surgiu muito clara na minha mente, como quando passei à prática já tinha um longo percurso dentro da temática. A realização do filme, no entanto, foi bastante complexa e obviamente muito pensada. 48 parte de um dispositivo aparentemente simples mas os mecanismos para o pôr em prática foram extremamente complexos.

O DESAFIO

O filme procura pôr o espectador a pensar no que foram os 48 anos de ditadura em Portugal, mas não só. A prática da tortura continua a existir hoje. Este tema é sempre actual e voltou a ter uma grande relevância após a guerra do Iraque, com a divulgação das fotografias e dos relatórios em que as torturas praticadas são descritas. 48 parte do passado mas procura estabelecer essa ligação com o presente.



“Quando se é preso há ali um combate, há uma luta entre os polícias que querem fazer falar o preso e o preso que não quer falar e, portanto...Eles têm o poder de torturar, de espancar, da tortura do sono, mas nós temos o poder único que eles não têm, que é não falar.”

A EXPERIÊNCIA

Quando fiz o filme não estive a pensar no apelo emocional. São relatos muito emotivos, é verdade, são experiências muito pessoais e traumáticas, ou seja, é praticamente impossível ficar indiferente ao que se ouve no filme. No entanto, uma coisa é fazer um filme a pensar no eventual apelo emocional, outra, é fazer um filme que procure colocar o espectador a pensar naquilo que acabou de ver e ouvir. Essa foi a minha intenção. Aliás, saiu um texto sobre o filme na revista francesa *Images Documentaires*, que achei interessante; diz que aquilo que o filme consegue é pôr o espectador a “imaginar o invisível”.

A RELAÇÃO

Eu trabalhei com cada ex-prisioneiro político na sua condição de pessoa, não de vítima. Há sempre uma conjugação de duas vertentes no filme, entre o percurso pessoal e íntimo dos ex-prisioneiros e o contexto político. Mas eu não os considero vítimas, no sentido mais estrito do termo. Obviamente que são vítimas de um regime, mas são simultaneamente resistentes e resistentes activos. Há um testemunho no filme que refere o “poder do prisioneiro”. Um dos exemplos que dá tem precisamente a ver a imagem de cadastro: não se podia fugir a tirar a fotografia, mas a cara, a expressão que o prisioneiro colocava no momento de captação da imagem, era ele que a decidia. O rosto pode revelar-se assim como o último bastião dessa resistência. Todo o filme se constrói de forma a ir para além da superfície das coisas (das imagens, das palavras), procurando revelar a sua complexidade intrínseca. E isto não se coaduna com estereótipos.

O SILÊNCIO

A ideia do filme é que o espectador veja a imagem e a veja ouvindo única e exclusivamente o testemunho da pessoa que nela figura. Os silêncios dão tempo ao espectador para ir reflectindo sobre aquilo que está a ver e ouvir, dentro do momento do próprio filme. Se colocasse um narrador, estaria a conduzir a leitura do filme através da minha palavra. Ora, há toda uma outra série de mecanismos que o realizador pode utilizar para construir um filme que não têm de passar obrigatoriamente pela palavra. Nos documentários históricos mais tradicionais é comum termos um narrador que nos conta a história, interpretando-a; um narrador que nos apresenta o passado como sendo um passado completo, fechado, que não admite dúvidas. Nesse tipo de filmes, a imagem aparece como ilustração dessa narração, não é uma imagem autónoma, viva. 48 parte de noções diferentes do que é a história e do que é a imagem. E procura, sobretudo, criar um espaço de pensamento para o próprio espectador.

O NOME

Um preso político é um indivíduo, mas é um indivíduo que faz parte de um corpo político constituído pelo conjunto de prisioneiros políticos de um determinado regime. As pessoas que eu entrevisto são apenas uma pequena parte das pessoas que sofreram às mãos da ditadura. Elas estão a falar em nome próprio (aliás todas são identificadas no genérico final) mas estão também a falar por todos. A não identificação no momento em que aparecem no filme tem precisamente a ver com isso.

A FORMA JUSTA

O que eu procuro quando faço um filme é que a forma se adeque ao conteúdo. Não vou utilizar modelos correntes, já testados e padronizados. Tenho uma ideia e para a concretizar tenho de encontrar aquilo que eu considero a “forma justa”. Portanto, parto sempre para um trabalho de pesquisa, de reflexão e de experimentação. Daí aquilo que tem sido designado por “estilo invulgar e próprio”. Posso dizer que gostaria que esta fosse de facto a minha assinatura: a procura de novas formas, formas justas de apresentar os assuntos tratados.

Críticas

“O trabalho em torno das imagens é absolutamente sublime.”

Javier Packer-Comyn, Director do Festival Cinéma du Réel in *RTP*, Portugal

“Uma obra-prima (...), um documentário de dispositivo rigoroso e perturbador. (...) A cuidadosa costura destaca a particularidade de cada história ao mesmo tempo que garante ritmo (...). O resultado é (...) hipnótico e inesquecível.”

Amir Labaki, Director do Festival “É Tudo Verdade” in *Valor Econômico*, Brasil

“Não se trata apenas da história secreta destas imagens mas também do confronto entre o executor e a sua vítima congelado para a eternidade.”

Yann Lardeau , crítico do *Cahiers du Cinéma* in *Catálogo do Festival Cinéma du Réel*, França

“O dispositivo de realização não cede um milímetro, nenhum sentimentalismo, nenhuma música ou ruído. (...) O impacto é muito forte, o sentimento de uma bestialidade quotidiana torna-se quase físico graças à potência das palavras que “cria” a imagem, deixando aberto o horizonte da sua construção. Não somos guiados em direcção a uma iconografia pré-estabelecida (...). A memória histórica do país (...) torna-se, neste trabalho de abstracção, um espelho do contemporâneo (...).”

Cristina Piccino, in *Il Manifesto*, Itália



“Quando nós estamos a ser torturados e quando nos dizem que vão matar...que tu vais ver o teu filho morto...nós... está-se... eu... a mãe, ... a pensar que eu que tinha horror em ficar louca... em enlouquecer...antes disso... eu interiormente pensava, eu quero enlouquecer.”

“São rostos. E vozes. Apenas isso. Minimalista (...). São imagens para contar 48 anos de fascismo - tudo fala da sociedade, os rostos, as roupas, a forma de estar. Não estão identificados por nomes nem idades porque valem por todos os presos políticos da ditadura. (...) Um rosto de mulher com um sorriso aberto em pleno arquivo da Pide, por exemplo, o que é que nos diz? (...) E o rosto daquele homem de cabelo claro? (...) E aquela mulher que nos olha fixamente, como uma pintura, e depois desaparecer no negro, apesar de os olhos parecerem continuar lá? (...) A expressão que têm, esse olhar de desafio, é o último espaço de liberdade que têm.”

Alexandra Prado Coelho in *Público*, Portugal

“Provavelmente o [filme] mais ousado e vanguardista [do DocLisboa]. É um filme que deveria ser visto por todos os alunos do secundário. É um filme de construção extremamente elaborada do ponto de vista artístico. O seu conteúdo histórico é extremamente importante e rico, uma razão suplementar para que esteja em sala. Deveria ser de visionamento obrigatório para as cadeiras de História.”

Sérgio Tréfaut, Director do Festival Doclisboa in *Ípsilon*, *Público*, Portugal

“Susana de Sousa Dias consegue elaborar uma obra meditativa de uma riqueza cinematográfica surpreendente. (...) *48* está em luta contra a ausência de palavras, de memórias, de imagens. (...) O vazio deixado pelo desaparecimento é total, mas a ausência não deixa de dar lugar a uma representação. (...) Ao reapropriar-se das fotografias da repressão, a cineasta tenta e consegue uma formidável obra de subversão, que consiste nesta vingança de vozes, antes condenadas ao silêncio. O ritmo e a forma apelam à meditação, permitem ao espírito deambular através dos diferentes estratos de espaços e tempos do sofrimento e da humilhação. (...) *48* é uma formidável pedrada no charco do esquecimento, ao fazer da memória não um dever, mas um direito.”

Arnaud Hée e Camille Pollas in *www.critikat.com*, França

“(...) Um filme extraordinário. (...) A minha esperança é que inspire os festivais a introduzir uma abordagem totalmente nova na escrita da história. Para lidar com memórias. Para procurar uma nova e minimalista linguagem cinematográfica. E para trabalhar com a música e o som de uma nova forma.”

Tue Steen Müller, ex-Director do *EDN European Documentary Network* in *Filmkommentaren*, Dinamarca

“O novo e belíssimo filme de Susana de Sousa Dias é na exacta e justa medida o mais recente capítulo de um trabalho que ilumina as imagens a partir do que nelas se esconde.(...) No fim, diante das suas sombras (...), só resta aquilo que as imagens iluminam com a sua ausência, tal como o silêncio espelha aquilo que já nem as palavras são capazes de traduzir. (...) Numa inversão (...), *48* converte--se numa obra documental sobre a perda de documentos. Ou, se preferirmos, a da possibilidade do cinema mesmo quando a imagem lhe é negada.

Nuno Figueiredo in *Duas Margens*, revista online, n.º zero (em preparação), Portugal

“As imagens são tão cuidadosamente trabalhadas que a sua aura se torna visível. O som despido das vozes é tratado como música delicada. De facto, é música delicada. É sobre o crime político da ditadura portuguesa (...) tão terrível e selvagem e transmitido com uma clareza tão bela e calma. (...) Tenho a impressão que [o filme] é a minha experiência mais importante do *Cinéma du Réel* deste ano.”

Allan Berg Nielsen, Danish Film Institute in *Filmkommentaren*, Dinamarca

“O documentário de Susana de Sousa Dias não pode deixar o espectador indiferente (...) um filme indispensável às nossas colecções de mediatecas públicas, um filme de História que não pode ser esquecido.”

Christine Puig in *Vidéothécaires Midi-Pyrénées*, França



“Puseram o meu pai ao pé de mim. Eu fiquei assim um bocado...Ele vai para lá já numa fase, digamos, já tinha ido aos interrogatórios e foi mais um que foi para ali, mas não foi por acaso. É porque estava lá o filho.”

Prémios

GRAND PRIX 2010 no Cinéma du Réel, França

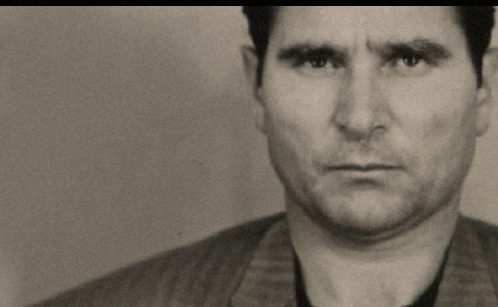
OPUS BONUM Melhor Documentário Mundial 2010 no Jihlava Festival, República Checa

PRÉMIO FIPRESCI 2010 no DOK Leipzig, Alemanha

PRÉMIO D. QUIJOTE 2010, Caminhos do Cinema Português, Portugal

GRANDE PRÉMIO Cidade de Coimbra, Caminhos do Cinema Português 2010, Portugal

MENÇÃO ESPECIAL do Júri, Festival Punto de Vista 2011, Espanha



“Aqui já estava há dias na tortura do sono... Já se nota a cara com rugas, a gente põe-se todo enrugado, todo enrugado. Enrugado e a nossa cor de pele muda para esverdeado. Cor de cadáver. É a morte lenta. A tortura do sono é para mim, não tenho outro adjetivo, é a morte lenta. A gente vai perdendo forças, físicas, vai-se fechando, vai-se fechando, cada vez mais, para defesa, e começa a não saber onde está, os olhos fundos, os lábios roxos, até morrer. É assim.”

Festivais 2009

DocLisboa Festival Internacional de Cinema Documental, Portugal

Festivais 2010

Cinéma du Réel, França

DOK Leipzig, Alemanha

Viennale Vienna International Film Festival, Áustria

Jihlava International Documentary Film Festival, República Checa

Torino Film Festival, Itália

Leeds International Film Festival, Reino Unido

É Tudo Verdade Festival Internacional do Documentário, Brasil

ForumDoc.BH Festival do Filme Documentário e Etnográfico, Brasil

Festivais 2010

Istanbul International 1001 Documentary Film Festival, Turquia

International Documentary Film Encounter, Colômbia

DocBsAs, Buenos Aires Argentina

Dockanema, 5º Festival do Filme Documentário de Maputo, Moçambique

A Nous de Voir, França

Extrema Doc Festival de Cine Documental de Extremadura, Espanha

III Edição de Cinema Documental “**maio.doc**”, Cidade da Praia, Cabo Verde

Festival **Tous en Scène** CCPF, França

Festival du Cinéma Lusophone, Nice, França

Sarajevo Human Rights Internacional Film Festival Pravo Ljudski, Bósnia-Herzgovina

Festival on Weels, Ancara, Turquia

Festival internacional Filmmaker doc, Milão, Itália

Festivais 2011

Magnificent7 European Feature Documentary Film Festival, Sérvia

Punto de Vista - Festival Internacional de Documentário, Pamplona, Espanha

Festival International de Films de Femmes de Créteil, França

Festival Internacional de Cine de Mar del Plata, Argentina

Projeções Não Competitivas (entre outras)

CinéLusoNantes, Nantes University - Semaine des Cinémas de Langues Portugaise, França

La Lanterne Magique, Saint-Denis, Ilha da Reunião

Centre Cultural Français, Cinéma du Réel "hors les murs", Cairo, Egipto

Institut National d'Histoire d'Art de Paris, França

Projeções Não Competitivas (entre outras)

Doc's Kingdom, Serpa, Portugal

Centre Cultural Français, Cinéma du Réel "hors les murs", Dakar, Senegal

Comptoir du Doc, Salle des Champs Libres, Rennes, França

Tirésias - Vídeos de Artistas Made in Portugal, C. Cultural de Espanha, Montevideo, Uruguai

Villa Arson, Cinéma du Réel "hors les murs", Nice, França

Scam, mostra do palmarés do Cinéma du Réel, Paris, França

Panorama - Mostra do Documentário Português, Lisboa, Portugal

Imagens do Real Imaginado, 7º Ciclo de Fotografia e Cinema Documental, Porto

Encontros Cinematográficos, Cineclube da Guarda, Portugal

Hot Dock, Bratislava, Eslováquia, 2011

Doc House, Beursschouwburg, Bruxelas, Bélgica

PhotoEspaña, Matadero, Madrid (a partir de Junho de 2011)

Conferências, Colóquios, Comunicações a partir de 48 por Susana de Sousa Dias

“Dialogues: archives et histoire. De l’image fixe au film: théories et pratiques”, **Institut National d’Histoire d’Art**, org. Université Paris 1, Pantheon-Sorbonne et Université Paris 10, Susana de Sousa Dias e Michel Poivert, **França**, 2011.

“Cinéastes par eux-mêmes”, Masterclass, **Institut National d’Histoire d’Art, Paris**, Paris 3-Sorbonne-Nouvelle, **França**, 2011.

“Documentary Now! Conference on the Contemporary Contexts and Possibilities of the Documentary”, Filme de abertura e mesa redonda, **Universidade de Westminster**, Londres, **GB**, 2011.

“Authorial approaches in contemporary documentary filmmaking”, Masterclass, **Magnificent Seven**, European Feature Documentary Film Festival, Belgrado, **Sérvia**, 2011.

“Stillness and movement, history and memory (an approach based upon “48”)”, Visible Evidence, **Université Bogazici**, Istambul, **Turquia**.

“48: Princípios de realização e montagem”, Université d’été de l’Université Paris 3-**Sorbonne Nouvelle**, Paris, **França**.

“Processus de réalisation de “48”” Masterclass, **La Femis**, École Nationale Supérieure des Métiers de l’Image et du Son, no enquadramento da Université d’Été, Paris, **França**.

“48 et le Cinéma du Réel”, Collège Iconique de l’**INA** (Institut National de l’Audiovisuel), Paris, **França**.

“A memória da tortura: apresentação do filme 48”, Seminário lusófono “Que fazer com estas memórias?”, **Centro de Estudos Sociais**, Lisboa, **Portugal**.

Sobre Susana de Sousa Dias

Susana de Sousa Dias nasceu em Lisboa em 1962. Doutoranda em Estética, Ciências e Tecnologias da Arte (Universidade de Paris e Universidade de Lisboa), concluiu o Mestrado em Estética e Filosofia na Arte na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a Licenciatura em Artes Plásticas/Pintura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e o Curso de Cinema na Escola Superior de Teatro e Cinema. Frequentou a Escola de Música do Conservatório Nacional.

No âmbito da sua tese de doutoramento desenvolve uma investigação teórico-prática no domínio das relações entre Cinema e Arte Contemporânea, com particular incidência no tema do arquivo.

É docente na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Tem sido convidada a colaborar em diversas acções sobre cinema em várias instituições de ensino superior e em conferências e festivais nacionais e internacionais de cinema.

É membro da direcção da Apordoc. Foi membro do Conselho Editorial da Revista *Docs.pt*. Em 2001 fundou a produtora Kintop.

O seu filme *Natureza Morta - Visages d'une dictature* (2005) foi exibido em festivais e mostras nos cinco continentes, tendo sido galardoado com o Prémio Atalanta Filmes no DocLisboa 2005, com o Prémio de Mérito no Taiwan International Documentary Festival, em 2006, e com uma Menção Honrosa no Slow Film Festival, Hungria, em 2007.

48 (93', 2009), o seu último filme, foi galardoado com o Grande Prémio do Cinéma du Réel 2010, com o Opus Bonum Award Jihlava IDFF 2010, o FIPRESCI award no DokLeipzig 2010, o Prémio D. Quijote 2010 da Federação Internacional de Cineclubes, o Grande Prémio Cidade de Coimbra nos Caminhos do Cinema Português 2010 e com uma Menção Especial do Júri, Festival Punto de Vista, 2011.

Stilleben (instalação em três ecrãs e som surround, 33') exposta no Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado, 2010-2011, no âmbito do Festival Temps d'images, é o seu trabalho mais recente.

Actualmente encontra-se a finalizar o documentário de longa-metragem *Luz Obscura*.

FILMOGRAFIA RESUMIDA (documentário) - 2009 *48*; 2005 *Natureza Morta*; 2000 *Processo-Crime 141/53, Enfermeiras no Estado Novo*; 1998 *Uma Época de Ouro-Cinema Português 1930-1945*

Ficha Técnica

Argumento, realização e montagem **Susana de Sousa Dias**

Imagem **Octávio Espírito Santo**

Design Sonoro **António de Sousa Dias**

Som **Armanda Carvalho**

Som Adicional **Paulo Cerveira e Valente Dimande**

Direcção de pós-produção **Helena Alves**

Mistura de som **Tiago Matos**

Correcção de cor **Paulo Inês**

Produção **Kintop | Ansgar Schäfer**

Com o apoio de **MC / ICA e RTP**

Vendas internacionais **Kintop**

Distribuição em Portugal **Alambique**

Duração **92' 50''** | Imagem **PAL, 4:3** | Cor | Som **Estéreo** | Formato de exploração **DIGITAL** | Portugal 2009

Contactos | Promoção | Distribuição

Patrícia Faria | +351 91 95 95 173 | +351 962 543 839
patfaria@sapo.pt | skype: fariapat

Alambique | +351 213 465 238
Pr. Duque da Terceira, nº 24 - 4º andar, sala 21
1200 - 161 Lisboa, Portugal